

**BRENDA APARECIDA DA SILVA MIRANDA
GRACIELE LIMA BARROS
SUAYHANE TUPYHARO LINS DA SILVA**

**MÉTODO FÔNICO
A EFICÁCIA DO MÉTODO FÔNICO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

**FACULDADE EÇA DE QUEIRÓS
JANDIRA – SP – SETEMBRO/2009**

**BRENDA APARECIDA DA SILVA MIRANDA
GRACIELE LIMA BARROS
SUAYHANE TUPYHARO LINS DA SILVA**

**MÉTODO FÔNICO
A EFICÁCIA DO MÉTODO FÔNICO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Eça de Queirós, sob a orientação do professor Dr. Frank Viana de Carvalho como requisito para a conclusão do curso de Pedagogia.

**FACULDADE EÇA DE QUEIRÓS
JANDIRA – SP – SETEMBRO/2009**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAP. 1 - UMA REFORMA EM ANDAMENTO.....	10
1.1 PESQUISA CONDUZIDA NA CÂMARA DE DEPUTADOS.....	12
1.2 EUA.....	12
1.3 INGLATERRA.....	13
1.4 FRANÇA.....	14
1.5 BRASIL.....	14
1.6 O PENSAMENTO DO MINISTRO FERNANDO HADDAD.....	15
CAP. 2 – DEBATE ENTRE OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	17
2.1 MÉTODOS GLOBAIS.....	17
2. MÉTODOS SINTÉTICOS.....	20
2.3 MÉTODO FÔNICO.....	21
CAP.3 – VANTAGENS DO MÉTODO FÔNICO EM COMPARAÇÃO COM OS MÉTODOS GLOBAIS.....	24
3.1 OBJETIVO DE ALFABETIZAR.....	25
3.2 A IMPORTÂNCIA DE TEXTOS AUTÊNTICOS E DE CONSIDERAR O CONTEXTO DA CRIANÇA.....	27
3.3 A IMPORTÂNCIA DE PESQUISAS CIENTÍFICAS.....	28
3.4 DISCURSO X PRÁTICA NA SALA DE AULA.....	29
3.5 GRÁFICO.....	31
CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
ANEXOS	37

RESUMO

Diante das atuais discussões referentes às linhas teóricas que sejam realmente eficazes no processo de alfabetização no contexto brasileiro, o presente trabalho visa conceituar os métodos que são colocados em debate e questionados quanto a sua eficácia no processo da aquisição da leitura e da escrita. Estes são os Métodos Globais (Construtivismo, Sociointeracionismo e outros assemelhados), o Método Fônico e o Método Silábico. Abordamos o Construtivismo atualmente utilizado no Brasil com base nos PCNs, nos quais este modelo está implícito. Apresentamos algumas reflexões sobre a pesquisa conduzida na Câmara dos Deputados, denominada “Relatório Final do Grupo de Trabalho; Alfabetização Infantil: os novos caminhos”, em que são citados exemplos de países que utilizam o Método Fônico, baseados em pesquisas científicas. Refletindo sobre o contexto brasileiro, situamos individualmente os métodos e as propostas metodológicas, possibilitando uma análise comparativa entre eles. Apesar do discurso docente ainda ser construtivista, na prática são utilizados, no início da alfabetização outros Métodos como o Silábico e o Fônico, haja vista que o Construtivismo não tem apresentado eficácia e eficiência no processo de alfabetização. Finalmente destacamos, a necessidade de se considerar o contexto das crianças brasileiras (social, econômico e cultural) na busca de um método que possibilite que todas tenham condições de igualdade, de se alfabetizarem. Sendo assim, comprovadamente, o Método Fônico, com base em amplas pesquisas atuais, atende estas expectativas.

Palavras-chave: Método Fônico, Alfabetização, Instrução Fônica, Educação.

ABSTRACT

Facing the nowadays discussions referring to theory thoughts that have efficacy on the Brazilian alphabetization process, the present paper aims to conceptualize the methods which are discussed and questioned for their efficacy in the writing and reading acquisition process. These are the Global Approach/Methods (Constructivism, Socio-interactionism and others similar), the Phonics Approach and the Syllabic Approach. We discuss the Constructivism nowadays used in Brazil with bases on PCNs, in which this model is implicit. We Present some reflections about the research done in the Deputies Chamber named "Final Report from the Work Group; Childhood Alphabetization: new paths", in which are mentioned examples of countries that use the Phonics Approach, based on scientific researches. Reflecting about the Brazilian context, we situated individually the methods and the methodological proposals, making it possible a comparative analysis between them. Even though the docent speech still is constructivist, in practice it is used in the beginning of the alphabetization other methods as Syllabic and Phonics, considering that the Constructivism does not have presented efficacy and efficiency in the alphabetization process. Finally we point out the necessity to consider the Brazilian children context (social, economic and cultural) in the search of the method which makes it possible for all of them to have alphabetization equality conditions. Thus, attested the Phonics Approach, based in nowadays researches, attends these expectations.

Key-words: Phonics Approach; Alphabetization; Phonics Instruction; Education.

*“Eles ergueram a torre de Babel para escalar o céu;
Mas Deus não estava lá!
Estava ali mesmo, entre eles,
Ajudando a construir a torre!”
(Mario Quintana)*

Dedico este trabalho a Deus, por me dar força nos momentos mais difíceis, ao meu marido Rodrigo pelo apoio e paciência, a minha pequena Sophia que me presenteou com sua chegada iluminando esta trajetória, pelo apoio que recebi de toda minha família e às minhas queridas amigas Suayhane e Graciele pelo prazer de partilhar um trabalho tão importante.

Brenda A. S. Miranda

Dedico este trabalho ao meu bom Deus, aos meus familiares que me suportaram em momentos difíceis, às minhas colegas que dividiram as minhas conquistas e fracassos no decorrer do curso e principalmente a Brenda e Suayhane que dividiram o prazer da realização deste trabalho.

Graciele Lima Barros

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, minha fortaleza nos momentos mais difíceis, ao meu amado esposo Anderson por todo apoio e paciência, à minha mãe e ao meu irmão, tão amados e presentes na minha vida, e em especial às amigas Brenda e Graciele que fizeram parte da minha história nesta caminhada.

Suayhane Tupyharo Lins da Silva

Agradecemos imensamente ao nosso orientador professor Dr. Frank Viana de Carvalho, por ter estado conosco durante todo o processo de elaboração do nosso trabalho, compartilhando sua sabedoria com paciência e prazer, e ao professor Ms. Rogério de Souza pelo incentivo e apoio desde que iniciamos nosso curso, além de nos presentear com sua sabedoria e sensibilidade em nos compreender em nossas dificuldades e reconhecer nosso potencial.

Não deixaremos de agradecer a todos os nossos professores que nos acompanharam nesta jornada, e de maneira especial, marcaram nossas vidas, inclusive os que já não estão mais presentes na instituição, mas que nos deixaram aprendizagens significativas.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o Brasil adotou as linhas teóricas que dão valor à construção do conhecimento (como o Construtivismo), como única forma de alcançar sucesso na alfabetização. Não sendo mais a questão da evasão o principal problema da educação nos dias atuais, mas em resultados de avaliações oficiais como SAEB (Sistema Internacional de Avaliação do Aluno), PISA (Programa Internacional de Avaliação de Aluno), entre outros, o desempenho dos alunos tem sido desastroso por diversos fatores dos quais vale repensar antigas práticas ou métodos que no passado apresentaram resultados positivos. Dentre estes, optamos em repensar o Método Fônico como eficaz no processo de alfabetização. Haja vista que, para que ocorra de fato a apreensão da leitura e da escrita é fundamental que o aluno aprenda a codificar, decodificar, e estabelecer relação entre grafema e fonema, pontos essenciais no Método Fônico.

De acordo com as defasagens dos métodos atuais e da política educacional adotada, queremos discutir a eficácia do Método Fônico no processo de alfabetização.

Para isto iremos abordar no Capítulo 1, o Plano Decenal criado para avaliar e melhorar a alfabetização no Brasil e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), norteadores para as práticas docentes, principalmente os das séries iniciais.

O próprio Governo, em 2003, com o objetivo de analisar e trazer ao debate a situação da alfabetização no Brasil, criou uma Comissão de Educação composta por especialistas nacionais e estrangeiros. “Como veremos adiante, o contexto requer análises e reflexões e, nesse sentido, o relatório encomendado pela Comissão da Câmara não deixa de ser um documento oficial importante, já que permite reflexões tanto no campo do ensino como no das políticas públicas”. (BELINTANE, 2006, p.264).

Iremos abordar também, o Construtivismo, atualmente estabelecido como um método de alfabetização no Brasil, e que não vem apresentando os resultados imaginados. Como comprovam pesquisas científicas nacionais e internacionais.

Faremos um breve relato dos países que utilizam o Método Fônico e o consideram mais eficaz que os outros métodos.

Apresentaremos a pesquisa conduzida na Câmara de Deputados, que critica o Construtivismo, assim como os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores) e o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), e defende o Método Fônico.

Será abordada a visão do ministro da educação, Fernando Haddad, acerca dos métodos de alfabetização, e sua preocupação com a qualidade da educação no Brasil.

No Capítulo 2 apresentaremos as principais características entre os Métodos Globais, Sintético e Fônico.

O Capítulo 3 tratará do debate entre o Construtivismo, atual linha teórica adotada no Brasil, e o Método Fônico comprovadamente eficaz no processo de alfabetização em países desenvolvidos e desta forma descrevemos as vantagens do segundo em relação ao primeiro. Abordando desde as questões práticas como teóricas em que se evidenciam tais vantagens.

CAPÍTULO 1

UMA REFORMA EM ANDAMENTO

Com o objetivo de avaliar e melhorar os níveis de alfabetização foi criado em 1993 o plano decenal, sendo este um conjunto de diretrizes políticas que visavam recuperar o ensino brasileiro, que apresentava índices insatisfatórios de evasão escolar. A partir dele, surgiram projetos e leis para se alcançar esta meta de educação para todos, dentre eles os PCNs, DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais), LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) 9394/96, entre outros.

Sendo os PCNs norteadores para as práticas docentes eles deveriam ser desprovidos de ideologias partidárias ou conceitos fechados. Porém, eles apresentam perspectivas construtivistas e sociointeracionistas. Assim, cabe a reflexão da qualidade dos objetivos propostos pelo governo.

Apesar da importância desse movimento de renovação da educação, as avaliações nacionais e regionais evidenciam um quadro não muito diferente do que já se exibía nas décadas de 1970 e 1980. Se antes preponderava a evasão escolar, hoje preponderam as imensas dificuldades de leitura e as defasagens nas correlações esperadas de competência /série (ou ciclo). (BELINTANE, 2006, p.263).

Ao publicá-lo, o MEC (Ministério da Educação e Cultura) teve como pretensão que todos os professores tivessem acesso a eles, em especial os docentes das séries iniciais. Porém, apesar de não serem considerados obrigatórios, o fato de todos os professores “deverem” ter acesso a eles acabou limitando os educadores a se adequarem ao método que está explícito nos Parâmetros.

Ao chegarem de fato às escolas, em 1997, os PCNs das séries iniciais foram recebidos pelos educadores com muitas dúvidas e ansiedades. Esperava-se que estes apresentassem diretrizes que orientassem o trabalho pedagógico. No entanto, no cotidiano escolar, estas expectativas foram sendo frustradas.

Implantado no Brasil pelo modismo, o Construtivismo não é um método. Trata-se de um conceito que, na prática, não tem demonstrado resultados positivos.

Mesmo os PCNs sendo fundamentados em Piaget, não podemos ignorar que ele já enfatizava a importância de pesquisas no âmbito da educação. O que não ocorreu ao se estabelecer o Construtivismo como um “método” a ser seguido no Brasil. “É inacreditável que (...) a pedagogia não organize experimentos contínuos e metódicos, contentando-se apenas em resolver os problemas por meio de opiniões, cujo ‘bom senso’ encerra realmente mais afetividade do que razões efetivas”. (PIAGET apud CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2004, p.11).

Apesar do aspecto positivo proposto pelos PCNs em atender teoricamente a realidade do aluno, são pré-requisitos dos Métodos Globais, características que não condizem com a realidade, principalmente no âmbito sócio econômico da maior parte da população brasileira.

O sucesso na alfabetização, segundo os PCNs, ocorrerá mediante o contato do aluno com textos diferenciados. O que não tem apresentado eficácia como podemos observar em avaliações como SAEB e PISA. Levando a reflexão do contexto já mencionado em que a grande maioria da população não tem acesso a esta cultura de leitura diversa, por questões econômicas, sociais e culturais.

Os dados do IBGE mostram também que a alfabetização varia de acordo com a renda. Em famílias mais ricas (mais de cinco salários mínimos per capita), aos cinco anos de idade, quase metade (47%) das crianças já se alfabetizou. Entre as mais pobres (menos de 1/4 de salário mínimo per capita) o percentual é de 10%. Aos sete, praticamente todas as crianças mais ricas já se alfabetizaram, mas a taxa entre as mais pobres é de 49%. (GÓIS, 2009, p. 2).

Mesmo países desenvolvidos como EUA, Inglaterra e Canadá, que tem acesso ao conhecimento, pré-requisito dos Métodos Globais, consideram que estes métodos (Ideovisuais) são ultrapassados e adotaram o Método Fônico, inclusive com aprovação da Unesco.

Segundo Capovilla & Capovilla (2004) as autoridades destes países desenvolvidos, se destacam em relação aos países em desenvolvimento no que se refere à educação por levarem a sério suas decisões e basearem-se em “evidências científicas”.

1.1 Pesquisa conduzida na Câmara de Deputados

Com o objetivo de analisar a situação da alfabetização no Brasil, a Câmara dos Deputados, em 2003, criou uma Comissão de Educação.

É nesse efervescente e polêmico contexto que a Câmara dos Deputados, por meio de sua Comissão de Educação, constituiu um grupo de trabalho (doravante GT) integrado por especialistas nacionais e estrangeiros, cujo objetivo era o de analisar a situação da alfabetização no Brasil e apresentar “proposta para o avanço do debate das políticas e práticas em nosso país” (Brasília, 2003, p. 8). O GT compôs-se dos seguintes intelectuais: Marilyn Jaeger Adams (EUA), Roger Beard (Inglaterra), Fernando Capovilla (Brasil), Claudia Cardoso Martins (Brasil), Jean Emili Gomberg (França), José Morais (Bélgica) e João Batista Araújo e Oliveira (Brasil). (BELINTANE, 2006, p.263).

O documento, intitulado “Relatório final do Grupo de Trabalho; alfabetização infantil: os novos caminhos” (BRASILIA apud BELINTANE, 2006, p.261), apresenta uma perspectiva científica e crítica à corrente adotada no Brasil, bem como aos autores dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), PROFA (Programa de alfabetização de Adultos) e PNLD (Plano Nacional do Livro Didático). São escolhidos três países (EUA, França e Inglaterra) como exemplos de países que produziram documentos e sínteses referentes ao campo da leitura, e planos nacionais em defesa do Método Fônico como superior aos demais. Estes países são escolhidos por apresentarem sistemas educacionais complexos, dificuldades e desafios para a alfabetização e mudanças em seus programas.

O Conselho defende o Método Fônico e enfatiza que países desenvolvidos obtiveram resultados satisfatórios com a utilização deste método.

1.2 EUA

Nos EUA, foram realizadas pesquisas entre 1997 e 1999. De acordo com Capovilla & Capovilla (2004), o Congresso solicitou um relatório ao National Institute of Child Health and Human Development (Instituto Nacional de saúde da Criança e de

Desenvolvimento Humano) referente à eficácia dos diferentes métodos na aquisição da leitura. O Instituto juntamente com a secretaria de Educação criou um comitê, denominado National Reading Panel (Comitê Nacional de Leitura) composto por pesquisadores, professores, pais e responsáveis das escolas. E de acordo com os resultados obtidos, a abordagem fônica mostrou-se superior às demais.

Atualmente, os Estados Unidos adotam o método Fônico em quase 100% de suas escolas.

1.3 Inglaterra

Realizou estudos semelhantes aos realizados nos Estados Unidos e observou que o Método Fônico, já utilizado anteriormente, apresenta resultados superiores aos Métodos Globais. Diante disto, o governo Britânico determinou que o Método Fônico fosse novamente adotado no currículo nacional.

...após estudos sistemáticos e aprofundados, os pesquisadores e educadores britânicos perceberam que, com o método global de leitura a partir de textos e palavras inteiras, as crianças não estavam aprendendo tão bem quanto com o método Fônico que costumava ser usado anteriormente. A partir desta constatação, houve um retorno definido ao ensino fônico explícito e sistemático. Desde então, as avaliações de leitura têm revelado que os desempenhos têm se elevado significativamente e sistematicamente bem acima da média nacional. Como consequência desses achados iniludíveis, o governo britânico determinou, em seu *Currículo Nacional para o Inglês (National Curriculum for English)* que as instruções fônicas sejam novamente incorporadas ao currículo nacional britânico. (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2004, P.24).

Capovilla e Capovilla (2004), explica que no Brasil a prática trata a criança como se ela já soubesse, propondo atividades hora complexas demais, hora elementares demais. Já na prática britânica prepara-se a criança para decodificação com competência e fluentemente, ensinando a utilizar a fala de maneira eficiente e a utilizar o vocabulário oral para auxiliar na compreensão de textos. Ele considera um descaso por parte dos PCNs no que se refere ao desenvolvimento cognitivo da criança em contraste ao respeito demonstrado pelos parâmetros britânicos.

1.4 França

Assim como Estados Unidos e Inglaterra, a França, em 1996, constituiu o *l'Observatoire National de la Lecture* (Observatório Nacional da Leitura da França), que gerou o relatório *Apprendre à lire* (Aprender a Ler) em que explica que privar a criança de instruções fônicas e utilizar o Método Ideovisual (global), prejudica o desenvolvimento da leitura e da escrita como relata Capovilla & Capovilla (2004).

O relatório do Observatório Nacional da Leitura deixa claro que, embora a compreensão e a produção da fala desenvolvam-se naturalmente em crianças ouvintes expostas à língua falada, a leitura e a escrita não se desenvolvem naturalmente pela mera exposição a textos. Como o desenvolvimento da leitura e da escrita não é pré-programado na espécie humana, ele requer instruções específicas, administradas por um leitor-escritor fluente, capaz de elucidar os princípios fundamentais empregados pelo sistema de escrita. (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2004, p.31).

Podemos citar outros países que também defendem, por obterem bons resultados, o Método Fônico, ainda que misto (em que se inicia a alfabetização com o Método Fônico e depois se introduzem textos): Itália (Método Misto), Alemanha (Método Misto); Israel (Método Fônico), Chile (Método Holístico, em que se utiliza o fônico, mas parte do som da letra) e Canadá (método fônico).

1.5 Brasil

Como relata Capovilla & Capovilla (2004), no Brasil as pesquisas científicas também mostram a superioridade do ensino fônico. A equipe de pesquisa da Universidade de São Paulo elaborou um programa intensivo de intervenção visando desenvolver diferentes níveis de consciência fonológica. As intervenções, de acordo com ele, foram com grupos de crianças de escola particular, escola pública, estudantes com severo distúrbio motor e da fala e com a professora em sala de aula. Estes estudos confirmam, assim como as bibliografias internacionais, a importância do processamento fonológico e a eficácia do Método Fônico.

Todo esse esforço de pesquisa evidencia claramente que um dos principais responsáveis pela queda sistemática no desempenho dos alunos tem sido o mesmo método global de alfabetização, que já foi fartamente condenado no exterior, mas que no Brasil continua a carcomer as competências das crianças sob os auspícios do construtivismo. Tal achado, entretanto, é encorajador, já que aponta para uma solução prática ao alcance de autoridades educacionais responsáveis. Se os líderes mundiais em pesquisa e em educação descobriram que o Método Global contraria o conhecimento científico e prejudica o desenvolvimento da criança, mudemos o método! Se a ciência nacional e internacional apontam para uma mesma direção, revelando a falácia dos PCNs brasileiros atuais, basta reorientar esses PCNs para o rumo certo. (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2004, p. 66).

No Brasil, o relatório solicitado pela Câmara aponta críticas aos PCNs por restringirem a um único método de alfabetização. “Talvez as dificuldades que os autores do relatório apontam nos PCNs, e que realmente se podem detectar, advenham de uma tentativa de elaboração de sínteses teóricas abrangentes, com a intenção de evitar um modelo restritivo que se centre apenas em um dos aspectos do ensino.” (BELINTANE, 2006, p.273).

Ao citarem os países mencionados anteriormente, os autores do relatório enfatizam que os mesmos partiram de pesquisas científicas para evidenciar um ou outro método como eficaz ou não na questão da alfabetização. O Brasil caminha neste sentido, quando abre a discussão solicitando também uma pesquisa, apesar de que muito ainda deva ser feito, por parte do governo, no que se refere ao método adotado no Brasil.

1.6 O pensamento do Ministro Fernando Haddad

Com os péssimos resultados apresentados pela Educação Brasileira em avaliações oficiais já mencionadas no presente trabalho, torna-se urgente que sejam repensados todos os passos dados até então. E ainda que oficialmente o Brasil adote como linha teórica o Construtivismo, e que este esteja impregnado nos documentos oficiais do MEC em especial nos PCNs que foram elaborados ainda na gestão do ministro Paulo Renato Souza, o fato é que o entusiasmo em relação a sua eficácia e eficiência tem à cada dia perdido o fôlego.

O Ministro da Educação Fernando Haddad tem demonstrado interesse em discutir abertamente a educação brasileira. Não mais aponta um método, mas defende que o professor deve ter autonomia para escolher o melhor caminho a seguir em sua prática em sala de aula.

Tanto a pesquisa solicitada em 2003 pela Câmara dos Deputados em relação aos métodos de alfabetização, quanto o CONAE (Conferência Nacional de Educação), que será realizada em 2010, mas que já vem sendo realizada preparatoriamente em estados e municípios, são exemplos de passos positivos por parte do Governo para se encontrar soluções através de pesquisas e de uma maneira democrática. Visto que estar atento a realidade econômica, social e cultural de cada região brasileira é fundamental para se determinar ações e mesmo o método adotado na Educação, que deve atender as necessidades reais dos brasileiros.

Sabemos que os problemas da Educação, que afetam diretamente a alfabetização, são muitos e não limitam-se apenas a questão de métodos. “As mudanças não ocorrem só com atos administrativos. A sociedade precisa incorporar a educação como valor.” (HADDAD apud MACHADO, 2009, p.1).

Haddad tem demonstrado preocupação com diferentes aspectos que podem interferir na qualidade da alfabetização e ser causa dos resultados obtidos nas avaliações, como por exemplo, a formação do professor, o respeito às realidades e diversidades regionais e disponibilidade para que se realizem pesquisas científicas na Educação.

CAPÍTULO 2

DEBATE ENTRE OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Os primeiros registros de escrita surgiram, segundo Capovilla (2000) no Oriente Próximo, pela necessidade de expansão do comércio. Feitos em argila, eram desenhos que representavam objetos e acontecimentos. Posteriormente surgiram os Pictogramas que deram lugar à escrita com ideogramas (representações padronizadas que facilitavam o processo de escrita).

Com a necessidade de incorporar a língua falada à escrita, surgiu por volta de 2800 a. C, os primeiros sistemas silábicos. “Os Fenícios desenvolveram pela primeira vez um sistema de escrita composto por 22 sílabas, incluindo combinações de vogais e consoantes separadas. Por volta do ano 1000 a. C, os gregos, que haviam importado a escrita fenícia, superaram algumas das limitações dessa escrita verdadeiramente alfabética.” (PEDESEN; OUAKNIN apud OLIVEIRA, 2004, p.438).

Sabemos que comunicar não só pela fala, mas pela escrita, é fundamental para a vida social, política e mesmo afetiva. Daí a importância da alfabetização, e para tanto iremos debater os diferentes métodos utilizados no processo de alfabetização.

2.1 Métodos Globais

Os Métodos Globais, segundo Oliveira (2004), começaram a ser utilizados desde o século XVII, diante das insatisfações com o Método Alfabético.

Com o advento da Escola Nova (séc. XIX) em que a ênfase da Educação passou a ser o aluno como agente ativo de seu conhecimento, esta corrente teórica passou a ser difundida conforme Gottschalk (2007), pensadores como Rousseau, que enfatizava a espontaneidade do aluno e John Dewey, que defendia a valorização da capacidade de pensar do aluno de acordo com a revista Nova Escola (2008), contribuíram para que esta linha teórica ganhasse força.

São variações dos Métodos Globais: Métodos Ideovisuais, Construtivismo e o Sociointeracionismo. Ainda que estes não possam ser considerados de fato um método mas sim linhas teóricas.

O Construtivismo é uma linha teórica que enfatiza a participação ativa do aluno no processo de construção do conhecimento. Este termo designa também a concepção de que a inteligência se desenvolve através das ações entre o indivíduo e o meio.

O papel do professor é de investigar os conhecimentos prévios dos alunos, seus interesses e, procurar apresentar diversos elementos para que o aluno construa seus conhecimentos. O professor interfere menos em sala e respeita as fases do aluno. Uma sala de aula construtivista deve conter diferentes objetos para serem manuseados pelos alunos, como: blocos lógicos, figuras e textos de diversos gêneros.

Conforme relatado pelo professor Dr. Frank Viana de Carvalho em seu blog, o biólogo Jean Piaget (1896-1980), com seus estudos da epistemologia genética, trouxe importantes contribuições para a expressão construtivismo. Em seus estudos, Piaget procurou demonstrar que a criança se desenvolve conforme as faixas etárias e chama de estágios estas fases do desenvolvimento cognitivo. São elas: sensório motor, operacional concreto (pré-operatório e operações concretas) e operacional formal.

O teórico Lev Vygotsky (1896-1934) também teve importante contribuição para o Construtivismo. Para ele o conhecimento se dá através da interação social. Sendo assim, Vygotsky dá ênfase ao aspecto interacionista na aprendizagem, em que a criança aprende interagindo socialmente.

Nesta linha teórica, o papel do professor é o de mediador do conhecimento e por tanto mais ativo do que na concepção piagetiana. O conhecimento se constrói no relacionamento entre o professor e o aluno. Em sala, por tanto, são realizadas tarefas desafiadoras e em grupo que consideram o erro como parte do aprendizado do aluno.

O conceito de ZDP (Zona de Desenvolvimento Próximo), derivados das concepções pedagógicas de Vygotsky, conforme explica Oliveira (2004), refere-se a diferença entre o que a criança pode fazer sozinha e o que precisa de ajuda. Ao adulto, cabe descobrir o “nível” de ajuda que a criança precisa e lhe fornecer o apoio necessário para que ela aprenda.

“O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção; ao invés disso, no entanto desenvolve várias

capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas.” (VIGOTSKI, 2003, p.108).

No Brasil, a tendência construtivista está explícita nos PCNs, e no discurso de muitos que defendem esta linha teórica como eficaz no processo de alfabetização. “Na verdade, o segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural. Uma vez que ela é atingida, a criança passa a dominar o princípio da linguagem escrita, e resta então, simplesmente, aperfeiçoar esse método.” (VIGOTSKI, 2003, p.153).

De acordo com Moll (2006), Emília Ferreiro e Ana Teberosky, seguidoras das idéias de Piaget, realizaram investigações com crianças latina americana referente ao processo da aquisição da leitura e da escrita.

Na postura construtivista, a língua escrita é vista como um conhecimento apropriado pelo sujeito à medida que se torna objeto de sua ação e reflexão. O contexto social é mediador nessa aprendizagem pois a língua escrita é produção cultural coletiva. Ela não acontece espontaneamente. Essa mediação, no contexto, da sala de aula, é propriamente a intervenção docente problematizadora e desafiadora do processo. (MOLL, 2006, p.101).

Segundo Oliveira (2004), para os construtivistas, ler é muito mais do que decodificar, exige contato com muitos livros, acesso a literatura, textos jornalísticos e científicos, uso de atividades dinâmicas.

Os construtivistas afirmam que o contexto ajuda os leitores a “construir sentido”, simplesmente a partir de uma pequena amostra das palavras de um texto. Por isso desenfazem a importância da habilidade de consciência fonêmica, fônica e decodificação, e acentuam o papel do contexto como propiciador e facilitador da aprendizagem da leitura: inunde a sala de aula de livros que o aluno aprenderá a ler.”(OLIVEIRA, 2004, p.445).

Oliveira (2004), explica que no Construtivismo ler é algo natural, como falar, e deve ser resultado do contato das crianças com adultos e textos de diferentes gêneros. O código alfabético é aprendido com hipóteses sobre as relações entre letra e som. Além de considerar que “textos autênticos” devam constituir o material didático.

2.2 Métodos Sintéticos

Conforme Faria (2003), o Método Sintético foi utilizado até meados do século XVIII. Nessa metodologia, partia-se do mais simples (letras) ao mais complexo (textos).

São variações do Método Sintético: Método Alfabético e o Silábico.

Oliveira (2004), relata que o Método Alfabético foi inventado pelos gregos juntamente com o alfabeto. Nele, o aluno aprende o nome das letras e vai juntando para formar palavras. Apresenta por tanto uma compreensão imperfeita do princípio alfabético.

O Método Silábico, de acordo com Corrêa (2003), proposto a partir do século XVIII, tinha como base a sílaba pronta, que se combinam para formar palavras. Inicia-se com a apresentação das vogais (forma e nome), combinações (ditongo e tritongo), combinação das vogais e consoantes e palavras formadas por estas combinações. No entanto o que marca o Método Silábico é a apresentação progressiva das sílabas e de suas famílias silábicas. Este é, portanto, o método apresentado nas cartilhas.

Os principais períodos da história do ensino da leitura e da escrita mostram as diferentes formas de tratamento que a sílaba tem recebido na alfabetização de crianças, jovens e adultos, desde séculos passados, de tal forma que podemos dizer que ela sempre esteve presente e que, mesmo tendo a metodologia se apoiado em elementos sem significação, de uma forma ou de outra, desde os trabalhadores braçais à elite intelectual do Brasil, todos os que sabem ler e escrever, hoje, aprenderam pelos métodos tradicionais que envolvem a silabação. (CORRÊA, 2003, P.30).

O surgimento do Método Silábico, como explica Corrêa (2003), se deu para resolver “problemas do Método Fônico” e não se confunde nem com este, nem com o Método da Palavração (apresenta primeiro a palavras e depois se extrai dela a sílaba). “No final do século XIX, surge a reação contra os postulados deste método, então passando a ser considerado por muitos educadores como mecânico, artificial e não funcional, e a ser acusado de não levar em conta a psicologia da criança.” (CORRÊA, 2003, p. 31).

O fato é que o Método Silábico foi muito influente e ainda o é, na alfabetização brasileira.

2.3 Método Fônico

Este método nasceu provavelmente no séc. XVI, na Alemanha, conforme relata Capovilla & Capovila (2000). Como apresentamos no capítulo anterior, é o método mais recomendado em países desenvolvidos. Seu desenvolvimento se deu a partir dos conhecimentos desenvolvidos pelos linguístas e psicolinguístas, de acordo com Oliveira (2004). “O Método Fônico é todo aquele que ensina, de forma explícita, a relação entre grafemas e fonemas.” (OLIVEIRA, 2004, p.38).

O Método Fônico, também considerado sintético ou fonético, é baseado no ensino do código alfabético, ou seja:

O alfabeto é um código. Esse código tem um sistema de regras que serve para traduzir sons falados (fonemas) em símbolos impressos (letras ou grafemas). No sentido mais básico alfabetizar é compreender as regras usadas no código – um processo necessário para ajudar o aluno a desvendar o segredo do código alfabético – ou decodificar – é preciso compreender as regras que permitem estabelecer determinadas relações entre sons e letras. (OLIVEIRA, 2004, p.115).

Além de basear-se na relação grafema e fonema, os textos utilizados são específicos para a alfabetização. A associação entre símbolo (letra) e som (fala) possibilita que a criança seja capaz de decifrar milhares de palavras além das que já fazem parte de seu vocabulário.

Na instrução fônica primeiro se ensina as formas e os sons das vogais, depois as consoantes, estabelecendo-se aos poucos as mais complexas. Cada letra é um fonema que ao se juntarem formam sílabas (das mais simples às mais complexas) e palavras.

Para Oliveira (2004) o aluno precisa saber “o que esta fazendo” e “porque está fazendo”, para que tenha um bom ensino de fônica. O termo utilizados por ele “metafônico”, é na verdade, a combinação entre o princípio fônico e o conceito de metacognição. Metacognição são estratégias para monitorar o próprio processo de aprendizagem, neste caso, desde o início, o aluno deve saber a maneira correta de pegar no lápis, postura, verbalizar a direção e o sentido dos movimentos das formas das letras, perguntas de antecipação ao texto, reconhecendo palavras conhecidas, descobrindo e corrigindo possíveis erros.

Ainda segundo ele, alfabetização, na verdade, ensina a decifrar o código alfabético, pois quem o conhece é capaz de escrever qualquer palavra. Além disso, o aluno deve aprender a decodificar e a codificar fonemas e grafemas, desta forma o aluno é capaz também de ler qualquer palavra.

No que se refere à leitura, Oliveira (2004) descreve que o cérebro registra palavras tanto pela via visual (lexical) como pela fonológica (som), porém a primeira depende muito mais da segunda, por tanto, o contexto ajuda a compreensão do sentido da leitura mas, a identificação das palavras é muito mais lenta.

Reconhecer palavras de forma precisa e fluente requer o uso de conhecimento de fônica. A capacidade de ler palavras, por sua vez, explica uma parcela substancial do desempenho posterior em leitura. Os bons leitores são aqueles que não dependem principalmente do contexto para identificar novas palavras. Quando estes bons leitores encontram uma palavra desconhecida, eles decodificam a palavra, dizem o nome e atribuem o sentido a palavra identificada. O contexto só ajuda a encontrar o sentido da palavra depois que a palavra foi identificada pelos outros processos. (OLIVEIRA, 2004, p.346).

De acordo com Capovilla & Capovilla (2004) o texto deve ser introduzido gradualmente, conforme a criança for adquirindo habilidade de decodificação e tiver recebido instruções sistemáticas de consciência fonológica e da correspondência grafema e fonema.

Ora, **Consciência Fonológica** é, segundo Oliveira (2004), a capacidade de identificar sons (ex: alto, baixo, grave, suave, etc). Já a **Consciência Fonêmica** é identificar que as palavras têm sons.

Entre as mais conhecidas técnicas para ensinar a decodificar (identificar a correspondência entre sons e letras), Oliveira (2004) destaca: **Fônica analítica** (analisar as relações entre letras e sons, utilizando palavras conhecidas pelos alunos, ensinando os sons isoladamente); **Fônica Analógica** (para identificar novas palavras, o aluno aprende a usar partes das famílias de palavras com partes que sejam semelhantes às palavras que já conhecem); **Fônica através da escrita** (decompor as palavras em fonemas e escrever as letras que representam os fonemas); **Fônica contextualizada** (a partir da leitura de textos o aluno aprende a relação específica entre letra e som, porém não permite o ensino sistemático); **Fônica pela silabação**

(identificar o som da consoante com a vogal até formar a palavra) e a Fônica Sintética (aprendem a converter tanto as letras como suas combinações em sons e misturando-os formam palavras).

Bem, no ensino das relações entre grafema e fonema, Oliveira (2004) afirma que os Métodos Fônicos Sintético são mais eficazes e que além disso devem ser sistemáticos, ou seja, o aluno não precisa aprender todas as relações entre as vogais e consoantes de uma vez, mas precisa aprender uma quantidade razoável destas relações. Ao se referir a **sistemático**, se refere a um ensino intencional, no qual o aluno não aprende a adivinhar o sentido das palavras mas a decodificar e codificar.

É importante observar a criança nos aspectos familiar e comunitário, para que se possa, segundo Oliveira (2004), saber o tipo de atividades lúdicas e de interação que poderão ser utilizadas em sala de aula. A família e a pré escola podem contribuir para o processo de alfabetização proporcionando a familiarização da criança com livros e textos próximos do cotidiano familiar, porém ao familiarizar a criança deve-se considerar o lúdico.

CAPITULO 3

VANTAGENS DO MÉTODO FÔNICO EM COMPARAÇÃO COM OS MÉTODOS GLOBAIS

Não é recente a discussão sobre a questão da Educação no Brasil, e mais especificamente os métodos de alfabetização. “Teóricos, estudiosos e especialistas em alfabetização discordam há pelo menos 500 anos sobre conceitos, procedimentos e métodos. Algumas discordâncias são eternas, outras podem ser experimental, ou ainda aos resultados empíricos sobre o que funciona ou deixa de funcionar.” (OLIVEIRA, 2004, p.41).

O Brasil adotou em seus documentos oficiais referentes à educação a linha teórica construtivista. Esta, apesar de ter sido recebida com muito entusiasmo pelos educadores, tem apresentado resultados insatisfatórios no que se refere especificamente à alfabetização.

Diante da postura do Ministro da Educação Fernando Haddad, em entrevista ao Diário do Nordeste (2006), que disse não indicar métodos, mas querer “qualificar o debate”, inclusive por este já vir ocorrendo em diversos países, como relatado no documento “Relatório Final do Grupo de Trabalho; Alfabetização infantil: os novos caminhos”, solicitado pela Câmara dos Deputados em 2003, iremos neste capítulo abordar as vantagens do Método Fônico em comparação com o método atualmente adotado no Brasil. “...uma das maiores disputas históricas no campo da educação é sobre a relevância de estratégias fônicas durante a alfabetização. Duas abordagens principais se destacam em relação a essa questão: o Método Fônico e o Método Global.” (HEMPENSTALL apud CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2000, p.216).

Segundo Oliveira (2004), mais de 60% dos professores brasileiros de alfabetização, declaram-se construtivistas. Apesar de toda essa adesão, existem poucos trabalhos empíricos, teóricos e conceituais que permitam analisar o Construtivismo.

O primeiro ponto que podemos destacar como vantagem do Método Fônico está no fato de que comprovadamente, países desenvolvidos como EUA, França e Inglaterra, por exemplo, adotarem este método considerando os Métodos Globais ineficientes para a alfabetização, como relatam os pesquisadores do GT (Grupo de trabalho) no Relatório Final entregue a Câmara dos Deputados.

Uma forte crítica recebida pelo Método Fônico e pelos “Métodos Tradicionais” no geral, é o uso das cartilhas. “A crítica mais frequente às cartilhas aponta que elas apresentam uma linguagem artificial e pobre, com textos que só existem na escola, não existem no mundo real, não possuem uso social.” (OLIVEIRA, 2004,p.153).

Bem, como explica Oliveira (2004), esta afirmativa não constitui verdade absoluta. Devemos considerar que “a escola faz parte do mundo real” e todas as exigências necessárias para que haja a aprendizagem (exercícios e livros didáticos, por exemplo), fazem com que a escola assuma a sua função social que é a de ensinar, utilizando para tanto os recursos que julgar úteis para promover a aprendizagem.

Esclarece ainda, que não devemos confundir “linguagem artificial” (muitas vezes é utilizada em exercícios matemáticos, por exemplo, e que nem sempre deve ser desmerecida) com “linguagem adequada” (que muitas vezes, em textos didáticos, são simplificadas para tornarem-se compreensíveis). Quando se fala em “linguagem simples” significa, no Método Fônico, possibilitar que o aluno concentre sua atenção na decodificação das palavras sem que o texto apresente muitas “perturbações”. Isso porém não significa utilizar uma linguagem “pobre”. Argumentar que usar apenas cartilhas na alfabetização priva o aluno do contato com textos ricos, é uma verdade, mas não à torna inválida no processo.

Ainda segundo ele, tanto as cartilhas que utilizam textos considerados autênticos, como as que utilizam textos didáticos, não apresentam uma intenção sistemática nem relacionam o texto com a decodificação.

3.1 Objetivo de alfabetizar

Focando no objetivo da alfabetização e considerando a visão de ambos os métodos, cabe esclarecer que para que haja a compreensão do texto, o leitor precisa obviamente saber ler (decodificar). A alfabetização é o início desse processo em que o leitor vai adquirindo condições para uma leitura fluente e compreensiva.

As descobertas científicas sobre alfabetização apontam que a ênfase inicial na compreensão – característica de alguns métodos globais – é prejudicial para a aprendizagem, pois a maioria dos alunos acaba recorrendo a estratégias de adivinhações ou ao contexto para identificar palavras desconhecidas, donde há grande dificuldade para ler palavras desconhecidas, pois ignoram as regras do código. Por outro lado, a ênfase exclusiva na decodificação (típica das caricaturas do método alfabético) pode levar o aluno a uma leitura eminentemente mecânica, sem atenção ao conteúdo, sem compreensão. Hoje sabemos com segurança que os métodos de alfabetização não são indiferentes – eles levam a resultados diferentes e, em alguns casos insatisfatórios. (OLIVEIRA, 2004, p. 42).

Oliveira (2004) explica que o aluno é melhor alfabetizado quando recebe instruções específicas e sistemáticas na decodificação, quando a leitura é baseada em textos que o aluno consegue decodificar, quando no processo de alfabetização o aluno tem contato com leituras variadas e ricas e quando a escrita se desenvolve juntamente com a leitura.

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprender a ler usando os procedimentos que bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências à partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições tanto em

relação à escrita, propriamente, quanto ao significado.” (MEC, PCNs: LINGUA PORTUGUESA, 2000, p.55).

O ensino da escrita, de acordo com Vigotski (2003), é natural. A linguagem escrita se desenvolve do desenho de coisas para o desenho de palavras, cabendo apenas aperfeiçoar esse método.

A idéia de que o aluno “elabora hipóteses a respeito do código alfabético tornou-se muito popular à partir da década de 80, em vários círculos. Ela é válida para qualquer conhecimento – o aluno pode elaborar hipótese sobre a lei da gravidade, por exemplo, ou sobre o significado da cor vermelha num semáforo, ou ainda sobre o funcionamento da gramática, como formar feminino ou plural de nomes, etc. Levada ao extremo, esta abordagem implica que TODO conhecimento só pode, ou só deve, ser adquirido por meio do teste de hipóteses. (OLIVEIRA, 2004, p. 46).

Na instrução fônica, é o código alfabético que possibilita “codificar”, ou seja, transformar o que é verbal em escrita com significado. Por tanto, o código alfabético é relevante no processo como esclarece Oliveira (2004). Continuando, não se descobre o código alfabético “construindo hipóteses”, não é algo natural. A ajuda do professor é eficaz para que o aluno tenha consciência do código alfabético.

3.2 A importância de textos autênticos e de considerar o contexto da criança

Outra desvantagem dos Métodos Globais é observada no descontexto com a realidade da maioria das crianças brasileiras. Como já tratamos, é pré-requisito destes métodos que a criança tenha contato com diversos tipos de textos. Obviamente, se a criança tem contato direto com jornais, revistas, livros, entre outros, com incentivo da família e da escola, ela normalmente, de acordo com Oliveira (2004), irá desenvolver competências para a leitura. Mas devemos considerar que a maioria das crianças são provenientes de lares pobres, e famílias em que os pais são analfabetos ou analfabetos funcionais, e não tem possibilidade de contato com estes materiais. Muitas nem mesmo frequentaram a pré-escola. “Um dos problemas tipicamente enfrentado pelo professor alfabetizador no Brasil é que muitos - frequentemente a maioria - de seus alunos não possuem essa convivência, familiaridade e atitudes positivas em relação a livros, leituras e textos impressos.” (OLIVEIRA, 2004, p.64).

Todo texto utilizado na escola, faz parte do mundo real da escola, segundo explica Oliveira (2004). Para ele a escola deve utilizar textos que possibilitem ensinar, pois esta é a função da escola. Para tanto, se o objetivo é alfabetizar, os textos devem assumir sua função social de ensinar utilizando determinado recurso que achar conveniente. Como estamos falando em alfabetização pelo Método Fônico, ele esclarece que os textos devem considerar que a criança deve, primeiro aprender a decodificar as palavras do texto para facilitar sua compreensão e os textos devem utilizar uma “linguagem adequada”, o que não significa uma “linguagem artificial”.

Os PCNs brasileiros recomendam que se trate o aluno como se ele já soubesse o que ainda não sabe e precisaria aprender. Em resposta, obediamente, os alunos tratam o texto como se soubessem lê-los embora estejam longe de saber fazê-lo, como mostram os resultados do Pisa. Contudo, em vez de aprender a decodificar e extrair a informação e o significado do texto, acabam induzidos a contentar-se em fazer suposições, hipóteses, adivinhações, “construções” de significados, achando que uma hipótese é tão boa como qualquer outra. (CAPOVILLA & CAPOVILLA, 2004, p.64).

Esta também é uma grande desvantagem, pois nossos PCNs não consideram a necessidade de se respeitar o desenvolvimento cognitivo da criança, conforme Capovilla & Capovilla (2004).

3.3 A importância de pesquisas científicas

O Método Fônico é comprovadamente mais eficaz no processo de alfabetização. Essa afirmação baseia-se em pesquisas científicas realizadas por países desenvolvidos que atualmente adotaram este Método, ainda que misto, e obtiveram sucesso na alfabetização de seus alunos.

Nos últimos 20 anos a revisão e atualização das políticas de alfabetização nesses países mais avançados levou a condenação de métodos comprovadamente ineficazes como os métodos ideovisuais, alfabético e global, e a uma recomendação generalizada sobre o uso de métodos fônicos. Essas recomendações se baseiam nas evidências científicas relacionadas com a eficácia superior de tais métodos no ensino da decodificação. (OLIVEIRA, 2004, p.42).

No documento entregue à Câmara dos Deputados, o Grupo de Trabalho cita quatro pesquisadores como ultrapassados. Seriam estes Vygotsky, Piaget, Bruner e Flavel, como explica Belintane (2006). Outros, ainda segundo ele, são igualmente criticados no documento, como Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Paulo Freire e outros, por influenciarem no campo da leitura e da escrita, opondo-se ao estudo das unidades mínimas da escrita. É bom ressaltar que pesquisas científicas são frutos do seu tempo, e como tal, têm “data de validade”. Não se desqualificam estes pesquisadores, nem suas descobertas, mas a ciência avança, bem como suas pesquisas e resultados. Por isso é que, alguns pontos de vista destes autores citados são hoje ultrapassados.

Temos consciência de que tais autores não formam uma rede consensual nem mesmo são oriundos das mesmas ciências ou fontes teóricas, entretanto possuem em comum o fato de não aceitarem que o ato de ler ou mesmo de aprender a ler constitua essencialmente em uma lida exclusiva com elementos menores do processo (fonema, sílaba, grafema, etc). (BELINTANE, 2006, p.267).

Porém, relata Belintane (2006), o relatório afirma que o Método Fônico é o mais utilizado em países desenvolvidos e salienta que o Brasil, país em desenvolvimento, deveria reconhecer a supremacia científica destes países.

3.4 Discurso x prática na sala de aula

Analizando os questionários aplicados à professores alfabetizadores (pré escola e 1º ano) observamos que o discurso está muito longe do que ocorre na prática de alfabetização. Responderam o questionário dez professores. (vide anexo)

No que se refere ao início da alfabetização, os professores, ao serem questionados quanto à seqüência de passos utilizados neste processo, em sua maioria responderam o seguinte: apresentam as partes do texto; memorização (leitura e escrita de textos); decodificação de textos em frases, das frases em palavras, das palavras em sílabas; formação de novas palavras com sílabas estudadas e por fim, estudo e análise de grafemas e fonemas. Também relataram que propõem atividades com textos logo no início da alfabetização.

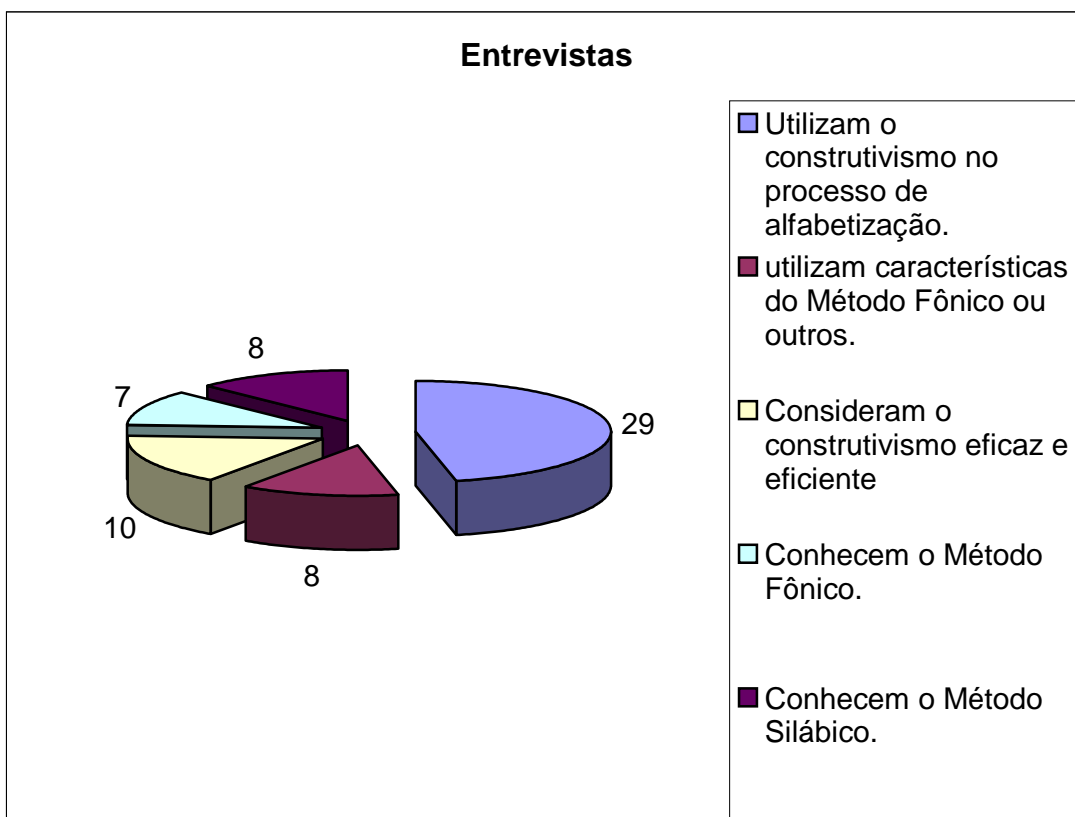
Alguns professores relataram iniciar a alfabetização com música ou com o nome das crianças. Ora, compreende-se que ao enfatizar as letras dos respectivos nomes, está se trabalhando o som e a grafia, ou seja, a relação grafema e fonema ainda que muitos não o façam sistematicamente por não ser intencional.

Quanto ao questionamento se consideram que seus alunos tenham contato com textos diversos, antes e fora do ambiente escolar, afirmaram que sim. Em um dos questionários a professora afirmou que procura proporcionar este contato na escola pois, fora do ambiente escolar, acredita ser deficiente, mesmo tendo respondido ao assinalar, que tenham este contato fora da escola. O que nos fez pensar se as respostas, na verdade, não se referiram mais ao esforço dos professores em introduzir este contato àqueles que não o tem fora da escola do que acreditarem de fato que seus alunos já venham com este estímulo de casa.

Demonstram grande facilidade em descrever o Construtivismo da maneira mais convencional que é divulgado no Brasil. Em síntese, relatam que sua eficácia e eficiência são devido a proporcionar contato com textos reais, o conhecimento é adquirido de forma natural e o aluno adquire autonomia.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi que alguns desconhecem o Método Fônico. Em especial nos atentamos a uma resposta em que a professora relata que, por não utiliza-lo, não se aprofundou em conhecê-lo melhor. E mesmo os que o conhecem, o descrevem de maneira muito simplificada. Já o Método Silábico demonstrou ser mais conhecido, de acordo com as respostas.

3.5 Gráfico



CONCLUSÃO

Concluimos que a questão dos métodos realmente eficazes no processo de alfabetização é algo que já vem sendo discutido em diversos países, e o Brasil não pode estar fora desta discussão. Principalmente por não estar apresentando resultados satisfatórios em suas avaliações oficiais no que se refere à alfabetização de seus alunos. Entre os diversos fatores que podem influenciar estes resultados (governamentais, econômicos, sociais, culturais e outros), o Construtivismo, enquanto proposta lógica adotada no Brasil, e a maneira como tem sido interpretado e utilizado, tem participação direta nestes índices.

A iniciativa do governo em solicitar uma pesquisa referente à eficácia dos métodos, e mesmo a postura do atual Ministro da Educação Fernando Haddad, em não indicar um único método, abrindo o debate, são a nosso ver, aspectos positivos. Apesar de ainda não serem suficientes para uma mudança efetiva.

Mesmo diante do fracasso escolar que estamos enfrentando, o Construtivismo ainda está impregnado no discurso dos docentes por basearem-se no proposto em documentos oficiais como os PCNs de 1996. Porém, observamos que na prática, o método oficialmente adotado não tem alcançado seus objetivos.

Apesar de pesquisas científicas comprovarem a eficácia do Método Fônico no processo de alfabetização, este ainda não é conhecido por nossos educadores. O que reforça a necessidade de se realizar pesquisas no âmbito da educação. Nossos educadores aceitaram o Construtivismo, baseando-se apenas em sua teoria e esperando que somente isso seria a solução dos problemas enfrentados em salas de alfabetização.

Acreditamos que o contexto é fundamental para que se inicie a alfabetização. Compreender a situação real da criança e do seu entorno considerando, que vivemos em um país em que as desigualdades são evidentes, possibilita que se direcione textos, brincadeiras e atividades diversas, de uma maneira sistemática e direcionada, em que o objetivo de alfabetizar possa ser alcançado. Ou seja, valorizar o aspecto positivo que o Construtivismo nos apresenta, mas enfatizar a relação grafema e fonema que possibilita a decodificação.

Compreendemos que os textos utilizados para a alfabetização devem ser simples, específicos para este fim. Isso não significa dizer que não devam ter relação com o contexto da criança. Quando se apresenta à criança frases do tipo “ A bala é boa”, considera-se que toda criança gosta ou, pelo menos, conhece o que é bala, por fazer parte do seu cotidiano. Ou mesmo a frase “O boi baba quando bebe”, pode não fazer parte do ambiente de determinada criança, mas permite que ela tenham contato com outro contexto, neste caso, a região rural,

por exemplo. É possível que se utilize o nome das crianças, rótulos, placas, cantigas, parlendas e outros tipos de textos direcionando a apropriação dos sons (fonemas) e da grafia (escrita). Neste caso, a crítica que se faz ao Método Fônico, e mais especificamente ao uso de cartilha, por utilizar frases, que segundo os adeptos dos métodos globais, nada tem haver com a realidade da criança, perde aqui seu fundamento.

Quando a criança domina o código alfabético, como propõe o Método Fônico, logo irá compreender os textos. Por tanto, o professor tem o papel fundamental neste processo. Discordamos da visão construtivista em que se considera que a aquisição da leitura e da escrita seja algo natural na criança, não dependendo do professor, mas das hipóteses que a própria criança vai elaborando. Ora, para que a criança leia com fluência e compreenda o sentido dos diferentes textos, ela precisa primeiramente saber ler (decodificar).

O Método Fônico demonstra ser mais eficaz no processo de alfabetização, por considerar que a maioria das crianças chegam à escola sem ter contato efetivo com a leitura e a escrita, por falta de condições econômicas e culturais, bem como por não terem incentivo da família e da comunidade à qual pertencem. Pois todas as crianças têm na sala de aula, as mesmas possibilidades de aprender, não sendo assim mais favorecido aquele que seja proveniente de lares que tenham condições mais favoráveis de proporcionar contato com diferentes tipos de leitura desde a primeira infância, ou mesmo daqueles que tiveram acesso à pré-escola.

É função da escola que o aluno saiba ler e escrever, e se isto não está ocorrendo, não é por culpa do aluno que não consegue construir seus conhecimentos sozinho, mas do pensamento que hoje se difunde no Brasil, de que isso ocorrerá naturalmente em algum momento. Nossos alunos estão chegando nas séries finais do ciclo I (1º ao 5º ano) sem saber ler, sem compreender os textos, aspectos tão frisados por Métodos Globais.

Outro ponto importante que fortalece a aceitação dos docentes pela linha teórica proposta pelo governo, é a falta de informações nos cursos de formação de professores. Especificamente no que se refere à alfabetização o problema está nos conteúdos e nas orientações que se baseiam em teorias que estão implícitas nos PCNs, privando os professores do acesso a informações mais atuais e a conhecerem outros métodos, inclusive comprovadamente mais eficazes. Como vimos nas respostas ao questionário aplicado a docentes das séries iniciais, muitos desconhecem ou sabem superficialmente sobre o Método Fônico e outros.

Concluimos por fim, que o debate entre os Métodos é urgente e fundamental para que esse quadro de fracasso escolar possa ser mudado. A necessidade de novas pesquisas neste sentido também se faz urgentes. Obviamente, outros aspectos também precisam ser sanados, como as desigualdades e mesmo atitudes governamentais direcionadas à Educação. Mas continuar com um método que pressupõe que nossas crianças sejam oriundas de contextos que favorecem o acesso aos mesmos níveis de informações, nos leva a restringir a alfabetização a alguns poucos grupos mais favorecidos. Tudo isso quando temos como comprovado, que os Métodos Fônicos possibilitam que as crianças sejam alfabetizadas em menos tempo e em iguais condições oferecidas pela escola (professor).

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CARVALHO, Frank Viana. (On-Line). Disponível: www.frankvcarvalho.blogpost.com, (2008).

CORRÊA, Vilma Reche em FARIA, Dóris Santos de. (2003). Alfabetização: práticas e reflexões; subsídios para o alfabetizador, (On-line). Disponível: http://www.unb.br/brasilalfabetizado/pdf/cart_6.pdf, (05.09.09).

GOIS, Antonio. (12.07.09). *Brasil tem 11,5% de crianças analfabetas, aponta IBGE*, (On-line). Disponível:

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora.&url=http%3%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br>, (08-08-09).

MACHADO, Maria Clara. (23.04.09). *Conferência Nacional discutirá perspectivas para a Educação*, (On-line).

Disponível: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13190&Itemid=86, (14-08-09).

PEDAGÓGICO. (28.04.06). *Alfabetização: Ministro diz que não indica método*, (On-line). Disponível:

<http://diarionordeste.globo.com/matéria.asp?codigo=332738>, (14/08/09).

VALE, Maria José. (06.11.08). *Alfabetização: Contribuição da Psicologia*, (On-line).

Disponível:

http://www.unicastelo.br/2007/site/noticias/?id_categoria=2&id_noticia=788, (14/08/09).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJARD, Elie. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3. set/dez.2006

BELINTANE, Claudemir. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2 maio/agosto.2006

CAPOVILLA, Alessandra Gatzuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. *Problemas de Leitura e Escrita*. 2ª ed. São Paulo: Memnom, 2000.

CAPOVILLA, Alessandra Gatzuzo Seabra; CAPOVILLA, Fernando César. *Alfabetização: Método Fônico*. 3ª ed. São Paulo: Memnom, 2004.

EDUCAÇÃO, Ministério da. *Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Portuguesa*. 2ª ed. Brasileira, 2000.

GOTTSCHALK, Cristiane Maria Cornélia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.33, n. 3. Set. / dez. 2007.

OLIVEIRA, João Batista Araújo. *ABC do Alfabetizador*. 2ª ed. Belo Horizonte Alfa Educativa, 2004.

Revista Nova Escola, *Grandes Pensadores*. 19. ed. Especial. São Paulo: Abril, 2008.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VIGOTSKI, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6.ed.São Paulo: Martins Fontes,2003

ANEXOS